

Advogado vê candidatura sob nova ótica

"Entendo que é prematura o surgimento de quaisquer candidaturas. E, por outro lado, essas candidaturas dependerão da reformulação da vida partidária do País, cujo quadro atual, em um bipartidarismo artificial, creio não poderá perdurar. Eventualmente, eu me candidataria a senador, se pudesse ser de utilidade a esta cidade, onde me encontro há mais de 20 anos". A declaração é de Antônio Carlos Osório, ex-presidente da OAB - DF e primeiro advogado de Brasília, com relação à representação política da Capital Federal.

Segundo Antônio Carlos, a cidade está madura para a representação política, entendendo que ela será extremamente interessante para a formação de uma experiência democrática autêntica. Diz ele que, por ser Brasília uma comunidade nova não existem aqui os vícios históricos de Coronelismo ou clientelas eleitorais, que sempre têm deturpado o processo eleitoral brasileiro.

Segundo sua opinião, uma representação política em Brasília, mesmo apenas a nível federal, como está no projeto Catete Pinheiro,

seria de grande utilidade para preservar a continuidade administrativa: "Temos visto nos últimos períodos as administrações locais se sucederem, umas querendo se sobrepor às outras, sem respeito a muitas idéias úteis, às vezes em plena ou final execução, para se lançarem em empreendimentos altamente onerosos e menos prioritários. Os exemplos estão aí à vista de todos".

Entende Antônio Carlos que a representação política em Brasília, em nível de Congresso Nacional, é não só uma aspiração legítima da comunidade, como útil e até mesmo necessária à boa administração da cidade. Antônio Carlos foi um dos primeiros, em 1967, a defender a idéia, que inicialmente teria como embrião o que foi chamado na época, por ele, de Conselhos Comunitários, tanto no Plano - Piloto como nas cidades - satélites.

"Para ele, a representação seria útil como forma de manter um contato mais autêntico, porque mais igual, entre a administração pública e a população: "Não acredito em administração tecnocrática ou paternalista, que possa prescindir



Antonio Carlos pode ser candidato

de um estreito contato com a comunidade, ouvindo - lhe as aspirações e os interesses, tanto na formulação dos programas a executar, quanto no acompanhamento de sua execução".

Considerando as implicações da representação política em Brasília, Antônio Carlos afirma que a sua postulação nada tem a ver com a autonomia política da cidade: "Uma coisa nada tem a ver com a outra". Segundo ele, Brasília tem como função excencial ser a capital política da União e, por isso, a sua administração há de estar estreitamente ligada ao Presidente da República - "Nem poderia ser de outra forma". Mas afirma ainda que uma representação no Congresso não se contrapõe a essa idéia: "pelo contrário, com ela se harmoniza, fornecendo ao Presidente da República elementos de informação e parâmetros de avaliação sobre o desempenho do Governo local".

Ressalta ele que os representantes de Brasília, pela sua natural vinculação à vida real e permanente da população local, seriam guardiães, sob as vistas do próprio povo que os elegeu, dos valores fundamentais da cidade.

Segundo Antônio Carlos, "o atual governo, por exemplo, do Governador Elmo Serejo, se por um lado tem realizado um trabalho excelente em numerosos setores, por outro lado tem realizações e omissões bastante controversas, e que seriam objeto de debate e talvez de correções, se a população tivesse intérpretes próprios e independentes no Congresso Nacional".

Sobre a possibilidade de se concretizar a representação política em Brasília, ele pensa ser algo perfeitamente viável e que virá a ser estabelecida proximamente: "E entendendo que isso não significa prejuízo ao estreito controle administrativo que a União deve exercer". Antônio Carlos pensa ainda que, "por enquanto, não seja necessário um órgão legislativo para Brasília: "Não acho nem mesmo útil, no momento. Não creio que haja um órgão legislativo local".

Afirma ele que a representação política em Brasília propiciaria o surgimento de autênticas lideranças, sem ligações, seja com o grande poder econômico, aqui inexistente, seja com as espúrias técnicas de curralismo eleitoral.